



Manuel Villaverde Cabral

A polémica da semana

O que mais me admirou nas intervenções de Nuno Palma é que, em vez de as publicar nas revistas apropriadas, tenha optado por apresentar as conclusões numa sessão do Movimento Europa e Liberdade.

23 jun 2021, 00:09

Está em cima da mesa uma polémica desencadeada pelo historiador Nuno Palma (NP), professor na Universidade de Manchester, acerca de diversos aspectos sócio-económicos da ditadura salazarista. Conheço pessoalmente NP do Instituto de Ciências Sociais e já tive oportunidade de conversar com ele acerca destes temas, em especial [a questão do aumento da literacia durante o salazarismo](#), cujo texto só agora li.

Em contrapartida, não consegui aceder a nenhuma publicação de NP sobre o crescimento económico em Portugal durante a ditadura (1926-1974). Pessoalmente, não sou economista nem estatístico, mas publiquei um ensaio sobre «a longa década de Sessenta» no recente [livro coordenado por José Maria Brandão de Brito e Paula Borges Santos](#). Aí se confirma que o período que vai desde o início das guerras coloniais (1961) até à crise do petróleo (1973), a qual contribuiu seguramente para o golpe militar do 25 de Abril, foi o mais longo período de crescimento económico da história contemporânea portuguesa, atingindo mais de 100% de aumento do PIB.

O que me surpreendeu na afirmação de NP acerca da superioridade do crescimento económico sob a ditadura não foi o facto conhecido de a [economia portuguesa ter crescido](#) à média anual de 7%-8% durante mais de 10 anos anteriormente ao 25 de Abril. Trata-se, com efeito, de algo que nunca acontecera nem voltou a acontecer. A isso acrescenta-se o facto de a economia já vir a crescer desde o pós-guerra até 1960 ao ritmo anual de 4%. Este crescimento é, pois, um facto incontornável e não deixa de ter, efectivamente, um efeito desarmante em relação ao regime democrático.

Possivelmente, Salazar terá achado que tal mudança não era boa para a ditadura. Foi o que Caetano veio a verificar à sua custa, pois a mudança quantitativa era também qualitativa, nomeadamente no que diz respeito aos modos de vida e às atitudes políticas que vieram a espelhar-se na candidatura do general Humberto Delgado à presidência da República (1958), o qual tinha, aliás, sido «fascista» desde os anos 20 e se mantivera fiel ao regime. Não foi isso, todavia, que me admirou.

Com efeito, a emergência da «guerra fria» e a criação da NATO (1949), ao consolidarem o regime salazarista, não deixaram de o condicionar, tanto do ponto de vista financeiro (Bretton Woods, 1944; FMI, 1949) como económico. Mais tarde, a Grã-Bretanha levou Portugal para a EFTA (1960) a fim de competir com a CEE (1957), fazendo o país entrar no comércio internacional. Entretanto, surgiram em 1953 os Planos de Fomento que duraram até à véspera do 25 de Abril e, no caminho, puseram termo ao regime autárquico que vigorara até então. O regime encerrava, pois, o período do corporativismo económico e social para aderir *nolens volens* a uma versão do capitalismo que os posteriores governos democráticos nunca foram capazes de gerir, com a excepção de Cavaco Silva, ao entrarmos na «Europa». Sem surpresa, a evolução sócio-económica da ditadura nacional entrou, nos anos da reconstrução capitalista, em contradição com a ideologia de Salazar mas também com o passadismo do PCP, que se opunha a qualquer modernização.

Não sei que mais disse NP acerca do crescimento económico do país durante o quarto de século anterior à democracia: 150% de aumento do PIB à média anual de 6%. Quanto à democracia, ficou-se por um crescimento anual inferior a metade durante 46 anos (2,6%). A comparação com a República (1910-1926) não faz sentido: os escassos 16 anos que durou, mostram o destino a que o regime estava condenado como tantos outros na Europa. A República pouco mais foi do que a antecâmara da ditadura.

Já no que respeita ao [estudo de NP sobre a literacia](#), a comparação entre República e Estado Novo pareceu-me metodologicamente desigual e as estatísticas apresentadas são difíceis de analisar. Finalmente, o argumento ideológico segundo o qual o discurso salazarista seria mais apelativo do que o republicano para os pais e os alunos da escola pública resta por provar. Seja como for, não há dúvida que foi muito mais gente escolarizada depois da Segunda Guerra Mundial do que no tempo da 1.^a República. Isso não impede, contudo, que Portugal continue a ser o país menos escolarizado da Europa. Portanto, o mérito do salazarismo foi limitado.

Dito isto, o que mais me admirou nas intervenções de NP é que, em vez de as publicar nas revistas apropriadas, tenha optado por apresentar as suas conclusões pouco abonatórias do período republicano e do pós-25 de Abril numa sessão organizada por um «Movimento Europa e Liberdade». Ora, este encontro não só está associado à extrema-direita, como não se dirigia a um público esclarecido capaz de reagir positiva ou negativamente ao discurso de um universitário como o Doutor Nuno Palma. Isso é que não percebi... A não ser que se trate de uma provocação?